Emoções morais de adolescentes em situação de risco • pág. 111-128
DOI: http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_57-2_6

Emoções morais de adolescentes em situação de risco

Daniel Bartholomeu[1], José Maria Montiel[2], Jessika Amoroso Jandosa[3], Juliana Francisca Cecato[4] e Afonso Antonio Machado[5]

Moral emotions in adolescents in risk situations

Abstract

Moral development is the process that allows the individual to acquire models of right and wrong, just and unjust in the society where s/he is inserted. The research assessed moral emotions in adolescent offenders. One hundred and forty one adolescents, 82 in risk situation and 59 normal adolescents similar to the risk group – regarding age, socioeconomic status and gender – were studied. The subjects were assessed by means of a Scale of Moral Emotions which contains 142 items. These items were assessed in

1 UNIFIEO - Psicólogo, Mestre e Doutor em Avaliação Psicológica em Contexto de Saúde Mental pela Universidade São Francisco. É colaborador do Laboratório de Pesquisa em Psicologia do Esporte (Lepespe) e coordenador do Laboratório de Psicodiagnóstico e Neurociências Cognitivas (LaPeNC) - Unisal - Americana. Atualmente é Professor do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Psicologia Educacional - Centro Universitário FIEO – UNIFIEO/SP. Email: d_bartholomeu@yahoo.com.br

2 UNIFIEO - Psicólogo, Especialista em Diagnóstico e Triagem, Mestre e Doutor em Avaliação Psicológica em Contexto de Saúde Mental pela Universidade São Francisco. Pesquisador colaborador do Laboratório de Psicodiagnóstico e Neurociências Cognitivas (LaPENC) - Unisal - Americana. Atualmente é Professor do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Psicologia Educacional e Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Saúde e Desempenho Humano - Centro Universitário FIEO – UNIFIEO/SP -. Email: montieljm@hotmail.com

3 UNISAL - Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Salesiano de Americana. Email: jessika.amoroso@gmail.com

4 UNIFIEO – Colaboradora do Nucleo de Pesquisa em Saúde e Desempenho Humano - Centro Universitário FIEO - Fundação Instituto de Ensino para Osasco. Email: cecatojuliana@hotmail.com

5 UNESP - Licenciado em Educação Física (PUC); graduado em Filosofia e Pedagogia. Mestre e Doutor em Educação, pela UNICAMP. Pós-Doutorado pela Faculdade de Lisboa e na Universidade do Minho. Livre-docente pelo Instituto de Biociências, UNESP - Rio Claro. Professor adjunto da UNESP/ Rio Claro. Coordena o LEPESPE (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte). Coordenador do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (DEHUTE), no IB/UNESP – Rio Claro. Email: afonsoa@gmail.com

a 4 point Likert scale. Guilt, shame, anger, disgust, contempt, and embarrassment were the moral emotions assessed in the present study. With the exception of guilt, all the other moral emotions were assessed differently by the two groups that participated in the present research.

Keywords: learning; human development; psychological assessment; emotions; risk situations

Resumo

O desenvolvimento moral é o processo que permite ao indivíduo adquirir modelos de correto/incorreto, justo/injusto na sociedade em que está inserido. A pesquisa realizada avaliou emoções morais de adolescentes em situação de risco. Para tanto, foram avaliados 141 adolescentes, sendo 82 em situação de risco e 59 com características equivalentes em idade, género e nível socioeconómico, mas que não estão em situação de risco. A avaliação foi feita por meio de uma Escala de Emoções Morais que consta de 142 itens avaliados em escala de tipo Likert de 4 pontos. As emoções avaliadas são culpa, vergonha, raiva, nojo, desprezo e embaraço. Verificou-se que todas as emoções morais, exceto culpa, diferenciaram os grupos estudados.

Palavras-chave: aprendizagem; desenvolvimento humano; avaliação psicológica; emoções; situação de risco

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período muito significativo no desenvolvimento do ser humano. É nesta fase da vida que ocorrem importantes transformações físicas e psicológicas, transformações que, por sua vez, podem alterar o fluxo de vida de um indivíduo. A adolescência tem algumas características específicas em relação aos outros períodos da vida. É um momento onde ocorrem transformações rápidas, sejam elas tanto físicas quanto psicológicas. É na adolescência que se começa a desenvolver a identidade, a definição do eu (Erikson, 1970; Esslinger & Kòvacs, 2006; Marcia, 1980).

Na adolescência, a ação do meio proporciona experiências que levam o jovem à conquista da maturidade (Farias, 2008). A Síndrome da Adolescência Normal apresenta várias características que são vistas pelos adultos como anormais. Sabe-se também que as condições socioeconómicas às quais estes adolescentes estão submetidos podem interferir na sua conduta, produzindo problemas de adaptação

ao meio como dificuldades de se relacionar com os colegas, isolamento social, dentre outros (Knobel, 2008a).

Para se identificar a Síndrome da Adolescência Normal há dez características esperadas: a busca da identidade adulta, a necessidade de formar grupos, a necessidade de intelectualizar e fantasiar, as crises religiosas, a distemporalidade, a evolução sexual, a atitude social reivindicativa, as contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, a separação dos pais e as constantes flutuações de humor e do estado de ânimo (Knobel, 2008b). Mais ainda, o adolescente apresenta maior vulnerabilidade ao se deparar com uma realidade frustrante (Soldatelli, 2007).

Vale a pena ressaltar que, segundo Erickson (1963), na adolescência, a construção da identidade é o resultado da interação entre o indivíduo e o meio, sendo que este pode atuar como facilitador ou não dessa identidade. Neste sentido, pode-se entender os riscos sociais e pessoais como fatores que podem prejudicar o processo de desenvolvimento biopsicossocial do sujeito, ou mesmo limitar a sua qualidade de vida. A adolescência é uma fase especialmente rica em possibilidades desestabilizadoras, já que é um momento de definições diversas no campo sexual, profissional e familiar. Ela lança questões a que alguns jovens não têm condição de responder positivamente, determinando sofrimento psíquico e a eclosão de quadros psicopatológicos (Erickson, 1963).

Dessa maneira, as suas manifestações não devem ser banalizadas e requerem um grande trabalho de elaboração psíquica, mudança do funcionamento mental e de organização da personalidade do sujeito. É uma fase em que o indivíduo vivencia diferentes valores, identidades, papéis sociais e conflitos. Assim, esta faixa etária por si só caracteriza um quadro de vulnerabilidade (Emmanuelli, 2005, citado em Soldatelli, 2007). E as situações de risco social em que muitos adolescentes estão expostos agravam a sua saúde mental (Erickson, 1963). Sabe-se ainda que, além dos fatores de risco encontrados no cotidiano da comunidade onde vivem, as questões políticas, culturais e ideológicas também podem sustentar padrões desfavoráveis à saúde destes adolescentes (Brasil, Alves, Amparo, & Frajorge, 2006). Yunes e Szymansky (2001) referem que fatores de risco seriam qualquer tipo de "eventos negativos de vida, e que quando presentes aumentam a probabilidade do indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais" (p. 24). Sabe-se que tais eventos não são os seus únicos determinantes. No entanto, interferem na probabilidade de ocorrência destes problemas (Bardagi & Neiva-Silva, 2005).

O adolescente em situação de risco que reside em comunidades populares possui certas particularidades quanto à maneira como interage com o mundo, se comparado com outros adolescentes de outras classes sociais. Este adolescente, em geral, não tem suas necessidades atendidas no contexto onde está inserido, seja na família ou na escola. Outro fator no qual estes adolescentes se distinguem dos demais seria a

forma como representam os papéis de género. Ao género masculino é imputado um comportamento estereotipado machista, que vem a ser o usufruto de uma maior liberdade, onde possa, por exemplo, ter muitas mulheres, não ter obrigações com a família e reprimir seus sentimentos. Já o género feminino está associado a cuidar dos filhos e das tarefas domésticas, como também a de estar sempre disponível às solicitações do parceiro (Gilligan, 1982; Serrão & Baleeiro, 1999).

Pode-se observar que é comum adolescentes em situação de risco apresentarem autoestima fragilizada, o que se deve à falta de reconhecimento por parte das pessoas com as quais eles interagem. Possuem também uma autoimagem muito influenciada pelo preconceito ao qual estão expostos e isso se dá por verem características deles, como a etnia e o local onde moram, sendo desvalorizadas. A forma como interagem com o grupo é marcado por constantes defesas psicológicas, no intuito de se protegerem de frustrações e sofrimentos, o que é possível notar através de atitudes de esquiva e por considerarem o outro uma ameaça constante. Esses jovens também são vistos como sem perspetiva em relação ao futuro, o que acarreta uma atitude de resignação e desesperança. Tal falta de perspetiva deve-se ao fato de reconhecerem as dificuldades que possuem e as barreiras sociais impostas (Serrão & Baleeiro, 1999).

Uma das características da situação de risco social à qual muitos jovens estão expostos é a violência, sua relevância se dá por, geralmente, estes adolescentes serem vítimas constantes de agressão e muitas vezes acabarem contribuindo para a propagação da mesma (Plutchik, 2000). A agressão pode envolver danos físicos ou psicológicos, sendo a agressão psicológica considerada simbólica, onde o agredido manifesta uma disfunção de sua atividade psíquica como ansiedade e depressão (Rodrigues, Assmar, & Jablonski, 2000). Segundo Deslandes (1994), ainda, a agressão psicológica pode ser considerada uma prática que visa, através da rejeição e de ameaças, influenciar negativamente a interação social do sujeito. A existência de uma relação entre os aspetos emocionais que estes adolescentes apresentam e o ambiente de risco social em que vivem favorecem uma compreensão do que sentem e possibilita que um olhar mais detido seja dado sobre as intervenções psicossociais com essas pessoas que levem em conta as emoções que auxiliam e acompanham a formação da moralidade no âmbito social a que estão submetidos. Esse foi um dos motivos para a escolha deste estudo, que tem por objetivo analisar emoções de adolescentes em situação de risco social em comparação com adolescentes em situação de não risco.

Um dos problemas relacionados no estudo das emoções está em distinguir as emoções que têm um curto prazo de duração daquelas que duram mais tempo. A raiva, por exemplo, é uma emoção que pode descrever tanto uma sensação transitória ligada a um acidente, como também pode ser associada a uma pessoa que aparenta todo o tempo estar irritada. Assim, a raiva na primeira situação é tida como um estado breve, enquanto na segunda diz respeito a um traço de longo

prazo que, normalmente, é considerado um traço de personalidade. Alguns psicólogos consideram que traços são estados emocionais que podem durar horas, dias e semanas. Convém dizer que a diferença entre um estado e um traço emocional não é determinada com muita exatidão, sendo conceitos que muitas vezes são utilizados alternadamente (Plutchik, 2000).

De maneira geral, toma-se como estados emocionais sentimentos que surgem a partir de mudanças imediatas em uma situação, como, por exemplo, perder o emprego, ou devido a mudanças fisiológicas, como, por exemplo, estar com muita fome. E, em geral, assume-se que traços de personalidade são padrões estáveis de comportamento que se manifestam em diversas situações (Allen & Potkay, 1981, citado em Plutchik, 2000). No caso da situação de risco, entende-se que as emoções morais como vergonha, raiva (como citado) e culpa sejam também associadas a situações de vida e alta vulnerabilidade social a que estão sujeitas. Neste sentido, as emoções surgem como respostas a acontecimentos importantes que ocorrem no ambiente em que o indivíduo está inserido, bem como antecipam outros que podem vir a ocorrer, possibilitando a diminuição das probabilidades de que aconteça algo indesejável ou o aumento das possibilidades de um evento desejável. De acordo com Plutchik (2003), raiva, medo, tristeza, nojo, surpresa, expectativa, aceitação e alegria são as oito emoções primárias existentes desde o nascimento da pessoa. Quando a criança se torna capaz de pensar, agir e comunicar com os outros, surgem as emoções tidas como secundárias, como, por exemplo, o orgulho, a culpa e a inveja. Dentre as emoções secundárias, existem as emoções morais, ou seja, aquelas que norteiam o comportamento moral (Haidt, 2003).

De acordo com um estudo de Rozin, Lowery, Imada e Haidt (1999), no qual enfatizaram que a relação das emoções com os valores morais, emoções de raiva, nojo e desprezo são respostas a violações dos três códigos morais propostos por Shweder, a ética da comunidade, a da autonomia e a da divindade. Para Paludo (2008), estas emoções atuam como "guardiões da ordem moral". No presente trabalho, adotou-se a posição de Haidt (2003) que considerou as emoções morais de nojo, desprezo, raiva, culpa, vergonha e embaraço. Tal posição foi adotada partindo do princípio que se desejava analisar as emoções morais a partir de um funcionamento moral que considere a influência social, como o sugere Haidt que expande o modelo racionalista, incluindo o afeto e elementos sociais associados ao juízo moral.

Nesses termos, pode-se dizer que o nojo é uma resposta a um objeto ou ideia que cause mal-estar ao sujeito, também podendo ser uma resposta a violações sociais. É uma emoção moral que envolve ainda respostas ao uso do corpo, género, drogas, violações a cultura, bem como respostas a falsidade, crueldade, traição, bajulação e o que estiver ligado a aspetos ruins, como entidades maléficas (Haidt, 2003; Rozin, Haidt, & Mccauley, 2000).

A raiva, por sua vez, é uma emoção controversa, tida frequentemente como imoral ao se considerar as expressões de violência geradas por ela. Quando o sujeito se depara com cenas de tragédias e violência, a raiva pode ser a mais comumente acionada, bem como outras emoções que representam um modelo de ação social em emoção moral (Haidt, 2003).

Em relação ao desprezo, ele é gerado por uma mistura entre raiva e nojo e envolve a perceção de que o outro não se iguala à sua posição ou nível de prestígio autoproclamado e inclui comportamentos como olhar o sujeito de um patamar superior, bem como o sentimento de ser moralmente superior, o que pode levar a mudanças cognitivas e sociais, de maneira que o objeto de desprezo é tratado com desrespeito, menos valor ou consideração em interações posteriores (Oatley & Johnson-Laird, 1996; Plutchik, 2000).

Já a vergonha e a culpa são emoções morais que surgem da discrepância entre o comportamento do sujeito e suas características e modelos morais. Ambas remetem a afetos negativos desencadeados pela autoavaliação da pessoa. Entretanto, a vergonha tem seu foco na avaliação que o indivíduo faz sobre si, e a culpa, por sua vez, está focada na ação efetiva (Lewis, 1993). A vergonha pode ser considerada uma experiência psíquica mais dolorosa e devastadora que a culpa, pois afeta a identidade central do indivíduo e não pode ser revertida, enquanto a culpa impulsiona o sujeito a reparar o dano cometido através de confissão, pedido de desculpas e comportamentos reparadores, permitindo-o livrar-se de tal sofrimento (Leith & Baumeister, 1998).

Outra emoção autoconsciente e que está relacionada à vergonha é o embaraço, que tem a função de contribuir para que o indivíduo se ajuste em grupos sem despertar nos outros integrantes sentimentos de desprezo, raiva e nojo. O embaraço surge, normalmente, quando a pessoa está na presença de outros com *status* mais alto que o dela, sendo um sentimento que está ligado às interações sociais (Fessler, 1999; Goffman, 1967; Keltner, 1995; Lewis, 1993). Pode-se notar que as emoções morais supõem um sujeito em interação com seu ambiente e suas regras próprias de convívio, que auxiliam o indivíduo a adaptar-se a este ambiente (Haidt, 2003; Plutchik, 2000). Apesar de sua relevância, a existência de instrumentos adequados para sua avaliação limita as pesquisas sobre o tema, sobretudo no Brasil.

Em crianças, vale ressaltar os estudos de Lourenço (2000) e de Lourenço e Fonseca (2003) acerca das atribuições de emoções aos vitimizadores que podem ser classificadas em três padrões, a saber, vitimizador feliz, que caracteriza uma criança que espera que o transgressor se sinta bem, o que é uma atribuição de emoções imorais; o vitimizador infeliz, ou seja, criança que espera que o vitimizador se sinta mal, sendo uma atribuição de emoção moral; e vitimizador misto, que é a criança que espera que o transgressor se sinta mal e bem ao mesmo tempo.

Lourenço (2000), por exemplo, defende que com a maturidade social, cognitiva e emocional, há uma tendência das crianças para atribuírem ao transgressor não emoções positivas (imorais) mas negativas (morais). Neste sentido, são mais características em crianças mais velhas e início da adolescência.

Além disso, a problemática da situação de risco social tem sido explorada por diferentes teóricos que enfatizam questões sociais pertinentes a tais riscos, implicações para a adolescência ou mesmo alterações de personalidade deste grupo (Bardagi, Arteche, & Neiva-Silva, 2005; Hare, 1981). O tema das emoções deste grupo tem produzido menos pesquisas em adolescentes em risco social, o que é ainda mais contundente ao se pensar nas emoções morais, sendo encontradas pesquisas que tratam diretamente da moralidade (Santos, 1996; Soldateli, 2007) mas não destas emoções que afetam a construção da moralidade do indivíduo, tornando, assim, pertinente a realização de pesquisas sobre o tema. Além disso, por se tratar de adolescentes que são transgressores das leis e regras que regem a sociedade, entende-se que a sua noção de moralidade seja também distinta (Paludo, 2008), levando à suposição de que experienciem emoções morais de forma diferente das demais pessoas. Nesses termos, o objetivo deste estudo foi comparar as emoções morais de adolescentes expostos a situações de risco social com outros que não estão sob este tipo de situação. É importante notar que apesar de uma série de artigos já tratar desta temática em nível internacional, no Brasil este tipo de trabalho não foi feito, gerando dúvidas acerca de como as emoções morais se caracterizariam em adolescentes brasileiros sob risco social, já que as diferenças culturais existentes (em comparação aos estudos que já analisaram emoções morais em jovens sob situação de risco em outros países) podem engendrar diferentes padrões de emoções morais percebidas pelos sujeitos nestas condições. Ainda, a indicação de aspetos emocionais alterados nestes adolescentes pode favorecer novas intervenções para um maior ajustamento social dos mesmos. Ao mesmo tempo, a análise das emoções morais com um instrumento de autorelato também é algo novo na literatura, já que não existe um instrumento específico para avaliação destas emoções via autorelato, sobretudo na teoria de Haidt (2003).

Neste sentido, como hipóteses, acredita-se que a raiva, vergonha, desprezo e embaraço sejam superiores na amostra de adolescentes em situação de risco em decorrência de estarem submetidos a um ambiente que tende a provocar revolta contra aspetos sociais, bem como a um *status* social mais baixo em comparação aos adolescentes do grupo controlo, o que pode mobilizar sentimentos de embaraço e vergonha (Bardagi et al., 2005; Haidt, 2003) Já quanto à culpa, espera-se que os adolescentes do grupo controlo tenham maior incidência por estarem submetidos a um ambiente mais controlado e supervisionado por seus pais, tendo figuras importantes com as quais a reparação mobilizada se torna mais fácil. No que se

refere ao nojo, também se espera que os adolescentes do grupo controlo apresentem maior incidência, já que esta tende a ser uma reação a, por exemplo, violações sociais e acredita-se que a perceção dos adolescentes-controlo das violações sociais seja maior em decorrência de não se terem envolvido em qualquer tipo de violação social como o grupo experimental.

MÉTODO

Participantes

A pesquisa envolveu 141 participantes, sendo 82 adolescentes de baixa renda que vivem em comunidades carentes de um município do Estado de São Paulo e apresentavam problemas familiares como dependência química, violência doméstica e/ou conflitos com a lei; e um grupo de 59 adolescentes financeiramente mais favorecidos que não apresentavam problemas familiares como os anteriormente citados, com idade, género e nível educacional equiparáveis aos do grupo de risco. Parte dos adolescentes infratores que participaram da pesquisa eram componentes de um programa que tem o intuito de promover atividades pedagógicas no período em que estes não estão na escola. Adolescentes cujas famílias são de baixa renda e que, em geral, residem em casas cedidas pela prefeitura. Entre estas famílias, muitas apresentam problemas de dependência química e/ou problemas de conflito com a lei. Para comporem o grupo experimental, todos deveriam estar submetidos a problemas com a lei, enquanto no grupo controlo, o critério era o não envolvimento em problemas desta natureza.

No que se refere à distribuição destes adolescentes por género e idade, o grupo controlo foi composto por 59 adolescentes, sendo que 60% destes eram do género feminino e 40% do género masculino com a idade correspondendo a 14 e 15 anos com 50% para cada idade. Já no grupo experimental, foram analisados 82 adolescentes, sendo 50% correspondente ao género feminino e a mesma percentagem ao género masculino, com percentual de 10% dos adolescentes com 12 anos de idade, 45% com 13 anos de idade, 40% com 14 anos de idade e 5 % da amostra correspondendo a 15 anos de idade.

Não existiram diferenças significativas entre os grupos quanto à idade (p = 0.543) e sexo (p = 0.435), confirmando o fato de os grupos serem equiparados nestas características. Esta análise foi feita pela prova t de *Student* (t = 1.52 para idade) e pelo qui-quadrado (X^2 = 2.34, para o sexo).

Instrumento

***Escala de Emoções Morais* - EEM (Bartholomeu, Carvalho, & Montiel, 2011).**

Este instrumento apresenta 142 itens avaliados em escala de tipo Likert de 4 pontos, descrevendo o quanto cada frase caracteriza a pessoa. As emoções avaliadas são: culpa, que é considerada tradicionalmente a emoção central moral e pode ser causada pela violação das regras morais, principalmente se essas violações causam dano ou sofrimento a outras pessoas (29 itens); vergonha, considerada uma variável cultural, que pode advir da consciência de uma infração ou sentimento de inadequação (25 itens); raiva, impulso acompanhado pela dor, vingança (33 itens); nojo, que é considerado uma resposta tanto a objetos físicos como a violações sociais (28 itens); desprezo, que pode ser considerado uma variante do nojo, uma combinação entre raiva e repulsa (15 itens); e embaraço, considerado uma emoção de autoconsciência e está ligado ao fator e ajustamento social, como redução das aparições em eventos (12 itens) (Haidt, 2003).

O *Alfa de Cronbach* para as várias subescalas apresentou bons resultados para cada subescala, revelando que cada fator avalia os constructos de forma homogénea. Os valores foram, para a escala Desprezo, 0.86; Embaraço, 0.82; Culpa, 0.87; Vergonha, 0.92; Raiva, 0.92; Nojo, 0.88.

Abaixo seguem alguns exemplos de itens para cada escala.

- Nojo
- Não consigo comer e falar sobre determinados assuntos ao mesmo tempo.
- Prefiro não ficar próximo a pessoas que estão sujas.
- Desprezo
- Eu simplesmente não suporto conviver com pessoas inferiores.
- Evito pessoas que têm pouco prestígio.
- Embaraço
- Fico sem graça quando falo algo errado na hora errada.
- Às vezes cometo gafes, mas dou risada e as pessoas ao meu redor se divertem com isso.
- Culpa
- Eu faço muitas coisas que me fazem sentir remorso depois.
- Quando faço coisas erradas sinto que não deveria ter feito.
- Vergonha
- Não gosto de ficar em situações em que tenho que aparecer.
- Prefiro que meus superiores me digam o que fazer do que tomar a iniciativa de alguma coisa e errar.

- Raiva
- Quando algum amigo meu é ameaçado por alguém tento ajudá-lo a "pegar" o outro.
- Fico irritado com a injustiça.

Procedimento

A aplicação do instrumento foi realizada de forma coletiva, anteriormente às aulas dos alunos no grupo experimental que eram adolescentes do projeto Criança ou das aulas escolares, no caso dos adolescentes do grupo controlo. Foi distribuída uma folha de respostas da EEM aos participantes que responderam ao teste após a assinatura do termo de consentimento por parte dos pais e/ou responsáveis. Foram seguidas as normas da *APA*. Foi comunicado aos participantes que os dados seriam mantidos em sigilo e que as informações coletadas seriam utilizadas apenas com fins de pesquisa sobre o tema. A aplicação do instrumento durou aproximadamente 20 minutos com cada grupo.

RESULTADOS

Primeiramente foram obtidas estatísticas descritivas das medidas do teste empregado, visando caracterizar as emoções em cada um dos grupos. Feito isso, os resultados dos fatores da escala foram comparados nos dois grupos via prova *t* de *Student*. Em seguida, para se controlar os efeitos do *Tipo de Erro B*, foi feita uma análise de perfil de médias a partir de uma *ANOVA* com medidas repetidas. As estatísticas descritivas estão na Tabela 1. Por esses dados, verificou-se que não houve desvios à normalidade, justificando-se assim o emprego de estatísticas paramétricas na comparação dos grupos.

Tabela 1
Estatísticas Descritivas para as Medidas do EEM por Grupo Controlo e Experimental

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Assimetria		Curtose	
					Coeficiente	Erro Padrão	Coeficiente	Erro Padrão
Grupo Controlo								
Nojo	43.00	104.00	67.2203	13.29255	.0259	.0311	-.0445	.0613
Desprezo	16.00	43.00	26.5593	7.24514	.0507	.0311	-.0684	.0613
Embaraço	12.00	44.00	26.7966	7.72765	.0307	.0311	-.0383	.0613
Culpa	41.00	106.00	72.9322	11.49192	-.0235	.0311	.0990	.0613
Vergonha	25.00	94.00	50.8814	14.38280	.0478	.0311	.0340	.0613
Raiva	40.00	111.00	67.4915	15.58113	.0300	.0311	-.0130	.0613
Grupo experimental								
Nojo	47.00	107.00	74.8025	14.65812	.0300	.0267	-.0493	.0529
Desprezo	17.00	60.00	31.9390	8.86294	.0587	.0266	.0251	.0526
Embaraço	15.00	46.00	29.2317	7.01726	.0155	.0266	-.0518	.0526
Culpa	40.00	102.00	74.9878	14.32299	-.0373	.0266	-.0247	.0526
Vergonha	28.00	90.00	57.3537	15.30462	-.0039	.0266	-.0638	.0526
Raiva	50.00	121.00	82.8025	17.61421	.0152	.0267	-.0602	.0529

Intervalo de variação dos escores
Culpa: 29 - 116
Vergonha: 25 - 100
Raiva: 33 -132
Nojo: 28 -112
Desprezo: 15 - 60
Embaraço: 12 - 48

Essa análise mostra não haver violações de assimetria e curtose, conforme indicado na Tabela 1. Esta Tabela também revela que nenhuma das medidas atingiu o efeito teto ou o efeito solo (máximo e mínimo possível de pontos na escala) no grupo controlo. Já no experimental, a medida desprezo atingiu a pontuação máxima possível. Apesar disso, houve pessoas com alta incidência em todas essas variáveis em ambos os grupos.

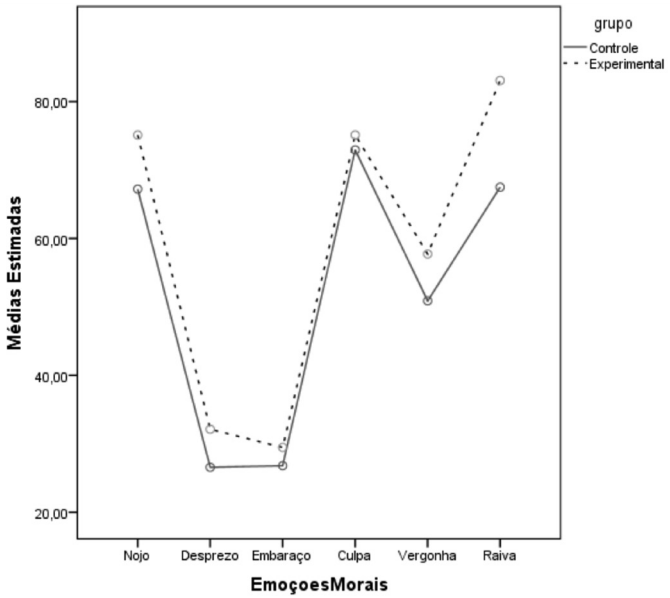

Figura 1. Perfil de médias de emoções morais para os grupos de adolescentes em situação de risco e controlo.

Pode-se verificar por esses dados que os valores máximos nas escalas nojo, raiva, desprezo e embaraço foram superiores no grupo experimental, sugerindo que alguns adolescentes em situação de risco tendem a atingir maiores níveis nestas medidas. Também os desvios padrão das medidas não foram muito elevados e foram similares nas amostras em questão, revelando certa homogeneidade de variância entre esses grupos. A Tabela 2 e a Figura 1 indicam os resultados da comparação entre os grupos por meio da análise de variância com medidas repetidas.

Tabela 2
Estatísticas por Item para os Grupos Experimental e Controlo

	Grupo	Media	Desvio Padrão	T	gl	P
Nojo	controlo	67.2203	13.29255	-3.142	139	0.002
	Experimental	74.8025	14.65812			
Desprezo	controlo	26.5593	7.24514	-3.831	139	0.000
	Experimental	31.9390	8.86294			
Embaraço	controlo	26.7966	7.72765	-1.948	139	0.053
	Experimental	29.2317	7.01726			
Culpa	controlo	72.9322	11.49192	-.911	139	0.364
	Experimental	74.9878	14.32299			
Vergonha	controlo	50.8814	14.38280	-2.540	139	0.012
	Experimental	57.3537	15.30462			
Raiva	controlo	67.4915	15.58113	-5.328	139	0.000
	Experimental	82.8025	17.61421			

Na Escala de Emoções Morais, verificou-se que somente a culpa não diferenciou os dois grupos, sendo que para todas as demais, o grupo experimental apresentou maior incidência em detrimento do grupo controlo.

A análise de variância por medidas repetidas forneceu resultados significativos, indicando que o perfil de médias das emoções morais avaliadas no grupo de adolescentes infratores difere significativamente do grupo controlo. Por esses dados, pode-se dizer que tais adolescentes tendem a exibir mais incidência destas emoções em detrimento de adolescentes que não têm envolvimentos com a lei (*Greenhouse-Geisser*, $F = 7.80$; $p = 0.000$). Tais informações podem ser visualizadas na Figura 1 e na Tabela 2. Nesse sentido, pode-se referir que as emoções morais destes adolescentes em situação de risco são afetadas pelo ambiente em que se desenvolvem, já que estas são as características que diferenciam os dois grupos (equivalentes em género e idade). No que se refere aos dados obtidos na Escala de Emoções Morais, verificou-se que o nojo pode ocorrer em relação a vários aspetos, não simplesmente associado a algo concreto.

DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, observou-se que adolescentes em situação de risco tendem a exibir maiores médias em comparação aos que não estão submetidos a esta condição em praticamente todas as emoções morais avaliadas, sugerindo que os riscos sociais a que os adolescentes estão expostos relacionam-se em alguma medida com uma maior incidência destas emoções (Erickson, 1963; Gewirth, 1984; Yunes & Szymansky, 2001).

Das hipóteses inicialmente aventadas, foram confirmadas as que se referem a embaraço, vergonha, desprezo e raiva. O nojo foi superior na amostra de adolescentes em risco, contrariando a expectativa inicial, bem como a culpa que não demonstrou diferenças significativas entre os grupos.

Tomando a definição de cada uma destas emoções separadamente pode-se aventar possibilidades de explicação para os resultados ora evidenciados. O nojo, por exemplo, tende a surgir da intolerância a modificações corpóreas, género, drogas e violações associadas a cultura, bem como as situações de hipocrisia, traição, crueldade e bajulação, além da motivação para não manter contato com uma entidade transgressora (Haidt, 2003). Assim, evidenciou-se que adolescentes em situação de risco tendem a exibir tal nível de intolerância em maior incidência que sujeitos controlo, valendo a pena analisar dados da realidade sociocultural, bem como quem são as figuras consideradas transgressoras dentro de suas realidades para identificar elementos que tendem a provocar nojo nestes adolescentes.

De um ponto de vista desenvolvimentista, pode-se considerar que a adolescência bem como o final da infância é mais caracterizado pela tendência à atribuição emocional a transgressores de regras morais, emoções mais negativas (morais) (Lourenço, 2000; Lourenço & Fonseca, 2003), caracterizando o vitimizador infeliz, isto é, que tende a esperar que o vitimizador se sinta mal pelos seus atos. Talvez esta motivação seja dada principalmente pelo nojo, já que essa tende a ser uma reação a uma figura transgressora na sua realidade. O presente trabalho não explorou as características do vitimizador infeliz mas os resultados podem sugerir que uma maior especificidade quanto ao tipo de emoção moral envolvida nesse processo possa ser dado.

Outra possibilidade é que nos adolescentes em situação de risco, o nojo que surge da pessoa, situação ou relação desprezada, é expresso, normalmente, através de ira e hostilidade, que atuam como um movimento compensatório da falta de confiança devido às frustrações no ambiente em que eles se encontram. Ainda, são esperados sentimentos de inconsequência e dificuldades de relacionamento, características que podem estar associadas à questão do abandono que ocorre em diferentes contextos. Este abandono muitas vezes dá-se pela estrutura familiar deste adolescente, que pode ser composta por muitos indivíduos, de forma a que não exista uma atenção diferenciada; pela falta de disponibilidade de tempo dos pais para com os filhos e/ ou por ausência dos mesmos; ou mesmo pelo distanciamento da relação decorrente de conflitos familiares constantes (Bardagi et al., 2005; Gewirth, 1984). As explicações de Bardagi et al. (2005) também incluem o desprezo e sugerem possibilidades acerca das elevações de média evidenciadas no desprezo em adolescentes em situação de risco. De fato, estes tendem a sentir mais desprezo que adolescentes que não estão sob as mesmas situações.

Também o embaraço e a vergonha tenderam a ser mais sentidos por adolescentes em situação de risco e podem ocorrer em decorrência de estarem sempre suscetíveis a contato com pessoas com *status* social mais elevado, o que não ocorre no outro grupo, tendendo a produzir condutas como isolamento social, autoimagem afetada pelo preconceito ao qual está submetido devido à sua etnia, costumes e habitação serem desprezados (Erickson, 1963; Paludo, 2008; Serrão & Baleeiro, 1999; Soldatelli, 2007).

Na análise de adolescentes em situação de risco, algumas características emocionais são esperadas, como a presença de sentimento de desajustamento intelectual, pois no contexto em que vivem o fracasso académico é comum e ocasionado por diversos fatores como a falta de perspetiva quanto ao futuro e o fato de o sucesso académico não ser valorizado pelas famílias destes adolescentes. No entanto, o sucesso académico é valorizado pela sociedade e, em decorrência disso, estes jovens podem se sentir deslocados em relação a outros que possuem um melhor aproveitamento escolar, gerando o sentimento de desajuste.

No que se refere à culpa, esperava-se que os adolescentes do grupo controlo tivessem mais culpa por estarem submetidos a figuras de autoridade e em uma condição de submissão maior. Todavia, os resultados evidenciados contrariaram a expectativa. Isso pode estar associado ao período da adolescência em que se tende a questionar figuras de autoridade e a testar limites, sendo esta uma realidade que independe da situação de risco em si a que os adolescentes do grupo experimental estavam submetidos. Em outros termos, pode ser que a culpa seja um denominador comum aos adolescentes vinculado à adolescência normal (Farias, 2008; Knobel, 2008a,b), por exemplo, o que convida a novas investigações.

Ao analisar a condição de adolescentes em situação de risco, sabe-se que eles são vítimas de constantes discriminações e isso pode gerar a sensação de que perante a sociedade são dignos de menor consideração. Alguns comportamentos deles podem ser vistos como inadequados. Se comparados a "regras de etiqueta", então quando expostos a contextos diferentes do que estão habituados, isto pode contribuir para a manutenção dos sentimentos de vergonha e constrangimento e para o evitamento de situações semelhantes que venham a gerar punições (Knobel, 2008a,b). Vale a pena citar também que são esperados, principalmente, sentimentos de ira e hostilidade, que estão envolvidos na apresentação de condutas não aceitas socialmente, o que foi confirmado nesta pesquisa na medida que a raiva também diferenciou esses grupos, sendo que os adolescentes que apresentam problemas com a lei tenderam a sentir mais raiva que os do outro grupo. A raiva é expressa por meio de comportamentos agressivos que podem se evidenciar de diferentes formas e estarem associados a várias causas, como as invariáveis defesas psicológicas emitidas na interação com o grupo e na tentativa de se proteger de frustrações e sofrimentos ou ainda à aprovação social e ao aumento de *status* em relação a determinada população, o que é bastante comum neste tipo de situação em que estes adolescentes estão expostos, dada a força e impacto que o grupo tem sobre a conduta destas pessoas (Rodrigues et al., 2000).

CONCLUSÕES

A carência de pesquisas mais específicas sobre o tema das emoções morais em adolescentes em situação de risco no Brasil foi um aspeto que restringiu a discussão dos resultados ora obtidos. Tal fato pode ainda decorrer da carência de instrumentos adequados e sistemáticos para avaliar as emoções morais na literatura brasileira, sobretudo (Haidt, 2003). Todavia, a indicação de aspetos emocionais que estejam alterados nestes adolescentes pode conduzir a novas intervenções que visem

reestruturar as cognições e emoções morais destes adolescentes visando um maior ajustamento social dos mesmos. Neste sentido, a intervenção em habilidades sociais tende a trabalhar condutas pró-sociais que visam minimizar a vergonha, embaraço e culpa nas relações sociais e podem ser uma ferramenta útil de intervenção nestes casos (Pinheiro, 2004; Silva & Murta, 2009; Wagner & Oliveira, 2007).

Um aspeto que vale a pena ser mais bem investigado em futuras investigações se refere ao fato do ambiente familiar de adolescentes em situação de risco, já que é o primeiro contato da criança com a noção de regras sociais, sendo responsável pela instalação e construção da noção de moralidade. Além disso, esses adolescentes estão tão habituados a uma realidade violenta, que acabam incorporando a ideia de que isso é normal e desenvolvendo aspetos negativos na formação da sua identidade, o que irá interferir na maneira como interagem com o mundo. Dessa forma, pela falta de um ambiente adequado para que possam se desenvolver, acabarão reproduzindo isso para as futuras gerações, bem como seus pais fizeram (Kohlberg & Candee, 1984; Plutchik, 2000). Entende-se que a exploração dos aspetos familiares pode facilitar a compreensão das diferenças emocionais evidenciadas neste grupo de adolescentes, fato que estende os limites da presente pesquisa.

A partir do momento em que se levantam informações consistentes sobre a realidade destes adolescentes e como ela afeta suas emoções, torna-se mais acessível propor um modelo de intervenção levando em conta os diversos fatores envolvidos, uma vez que o bom ajuste destas emoções pode auxiliar a modelar novos comportamentos sociais mais adequados neste tipo de adolescentes (Haidt, 2003; Lewis, 1993; Paludo, 2008). A situação de risco é muito presente no Brasil, tornando-se algo comum com que as pessoas estão cada vez mais acostumadas. Portanto é necessário que se busque criar novas oportunidades para o desenvolvimento sadio destes adolescentes e mover a sociedade rumo a uma maior consciencialização sobre as problemáticas sociais.

Finalmente, algumas limitações desta pesquisa devem ser apontadas. Primeiramente, não foram coletadas mais informações acerca de características sociodemográficas dos adolescentes por restrição da própria instituição em que os dados foram coletados em razão de preservar o sigilo destes adolescentes, já que estavam sob custódia do Estado em razão de delitos. Tal fato restringiu um maior aprofundamento acerca das características associadas a cada emoção, mas convida a novas pesquisas. Também dados de personalidade ou tarefas para se identificar as características do vitimizador infeliz seriam de grande valia para novas investigações, visando especificar as emoções morais presentes neste tipo de construção da moralidade, bem como a identificação deste tipo de adolescente, considerando que a proposta do vitimizador infeliz tem sido uma das principais na atualidade a analisar a construção das emoções morais de uma perspetiva desenvolvimentista (Lourenço, 2000; Lourenço & Fonseca, 2003).

REFERÊNCIAS

Bardagi, M. P., Arteche, A. X., & Neiva-Silva, L. (2005). *Projetos sociais com adolescentes em situação de risco: Discutindo o trabalho e a orientação profissional como estratégias de intervenção.* São Paulo: Casa do psicólogo.

Bartholomeu, D., Carvalho, L. F., & Montiel, J. M. (2011). *Escala de Emoções Morais***.** Laboratório de Psicodiagnóstico e Neurociências Cognitivas. Unisal, Americana.

Brasil, K. T., Alves, P. B., Amparo, D. M., & Frajorge, K. C. (2006). Fatores de risco na adolescência: discutindo dados do DF. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *16*(35), 377-384.

Deslandes, S. F. (1994). *Prevenir a violência: um desafio para profissionais de saúde.* Estudos de Violência e Saúde. Fiocruz/ENSP/Claves. Rio de Janeiro.

Erickson, E. (1963). *Childhood and society***.** New York, W.W. Norton and Cia.

Erikson, E. H. (1970). Reflections on the dissent of contemporary youth. *International Journal of Psychoanalysis, 51,* 11-22.

Esslinger, I., & Kovács, M. J. (2006). *Adolescência: Vida ou morte?* São Paulo: Ática.

Farias, M. A. (2008). *Adolescência normal: quando diagnosticar?* In Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. São Paulo.

Fessler, D. M. T. (1999). Toward an understanding of the universality of second order emotions. In A. L. Hinton (Ed.), *Biocultural approaches to the emotions* (pp. 75-116). New York: Cambridge University Press.

Gewirth, A. (1984). *Ethics.* Encyclopedia Britannica.

Gilligan, C. (1982). *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development* (pp. 24-39). Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Goffman, E. (1967). Interaction ritual: Essays on face-to-face behavior. New York: Anchor

Haidt, J. (2003). *Handbook of affective sciences***.** Oxford: Oxford University Press.

Hare, R. M. (1981). *Moral thinking: Its levels, method, and point.* Oxford: Oxford University Press.

Keltner, D. (1995). The signs of appeasement: Evidence for the distinct displays of embarrassment, amusement and shame. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*, 441-454.

Knobel, M. (2008a). *Desenvolvimento psicológico***.** In Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (pp. 63-71). Secretaria do Estado de Saúde de São Paulo.

Knobel, M. (2008b). *Psicopatologia***.** In Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. São Paulo, 307-311.

Kohlberg, L., & Candee, D. (1984). The relationship of moral judgment to moral action. In L. Kohlberg (Ed.), *Essays in moral development*: *The psychology of moral development* (Vol. 2., pp. 498-581). New York: Harper & Row.

Leith, K. P., & Baumeister, R. F. (1998). Empathy, shame, guilt, and narratives of interpersonal conflicts: Guilt-prone people are better at perspective taking. *Journal of Personality*, *66*, 1-37.

Lewis, M. (1993). Self-conscious emotions: embarrassment, pride, shame and guilt**.** In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of Emotions* (3rd ed., pp.742-756). New York: Guilford Press.

Lourenço, O. (2000). A força do pensamento deôntico: O vitimizador infeliz na atribuição de emoções na criança. *Analise Psicológica*, *18*(1), 71-85.

Lourenço, O., & Fonseca, E. (2003). A força da emoção: transgressões, emoções e perdão em crianças de 5-6 e 7-8 anos. *Psicologia, educação e cultura, 7*(1), 177-202.

Marcia, J. E. (1980). Identity in adolescence. In J. Adelson (Ed.), *Handbook of Adolescent Psychology.* (pp. 159-187). New York: Wiley.

Oatley, K., & Johnson-Laird, P. N. (1996). The communicative theory of emotions: empirical tests, mental models, and implications for social interaction. In L. L. Martin & A. Tesser (Eds),

Striving and feeling: Interactions among goals, affect, and self-regulation (pp. 363-393). Mahwah, NJ: Erlbaum.

Paludo, S. (2008). *Emoções morais e gratidão : Uma nova perspectiva sobre o desenvolvimento de jovens que vivem em situação de risco pessoal e social.* (Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Psicologia, Porto Alegre). Consultado em 09 de junho de 2014, em https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14289/000662150.pdf?sequence=1

Pinheiro, D. P. N. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo, 9*(1), 67-75.

Plutchik, R. (2000). *Emotions in the practice of psychotherapy: Clinical implications of affect theories.* Washington, DC, US: American Psychological Association.

Plutchik, R. (2003). *Emotions and life: Perspectives from psychology, biology, and evolution.* Washington, DC, US: American Psychological Association.

Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & B. Jablonski. (2000). *Psicologia social.* Petrópolis: Vozes.

Rozin, P., Lowery, L., Imada, S., & Haidt, J. (1999). The CAD triad hypothesis: A mapping between three moral emotions (contempt, anger, disgust) and three moral codes (community, autonomy, divinity). *Journal of Personality and Social Psychology, 76*, 574-586.

Rozin, P., Haidt, J., & McCauley, C. R. (2000). Disgust. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of emotions,* 2nd Edition (pp. 637-653). New York: Guilford Press.

Santos, B. R. (1996). *A emergência da concepção moderna de infância e adolescência: mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias* (Dissertação de mestrado não publicada), Pontifícia Universidade Católica de São Saulo, São Paulo, Brasil.

Serrão, M., & Baleeiro, M. C. (1999). *Aprendendo a ser e a conviver.* 2ª ed. São Paulo: FTD.

Silva, M. P., & Murta, S. G. (2009). Treinamento de habilidades sociais para adolescentes: uma experiência no programa de atenção integral a família (PAIF). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *22*(1), 136-143.

Soldatelli, M. I. S. (2007). *Adolescentes em risco social: A expressão dos processos de identificação no método de Rorschach***.** (Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo) Consultado em 09 de junho de 2014, em **http://www.teses.usp.br /teses/disponi**veis/47/47133/tde-18102007-165638/pt-br.php

Wagner, M. F., & Oliveira, M. S. (2007). Habilidades sociais e abuso de drogas em adolescentes. *Psychologia Clínica*, *19*(2), 101-116.

Yunes, M. A., & Szymanski, H. (2001). *Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas.* Em J. Tavares (Org.). Resiliência e educação (pp.13-42). São Paulo: Cortez.